

2 CENÁRIO

2.1 Considerações gerais

O mundo em crise requer a construção urgente de uma nova sociedade global.

➔ 30 mil crianças morrem no mundo a cada dia por falta de condições básicas de saúde.

➔ 674 milhões de crianças (37% da população infantil do planeta) vivem em pobreza absoluta.

➔ 376 milhões precisam caminhar quinze minutos para ter acesso à água ou bebem água imprópria para consumo.¹



Assimetria social: Falta de correspondência nas posições sociais, desarmonização nas proporções sociais em decorrência da concentração de renda.

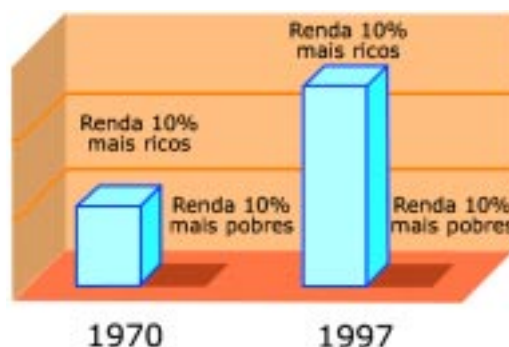


Essa realidade é uma consequência da **assimetria social**: 1% da população mundial detém 53% da renda. Em 1970, a renda dos 10% mais ricos era 51 vezes maior do que a dos 10% mais pobres. Já em 1997, esse índice saltou para 128. O Brasil é um país potencialmente rico, tendo alcançado o 15º PIB do mundo.²

Contamos, entretanto, com uma das piores distribuições de renda do mundo, só comparável à de alguns países da África subsaariana, ou seja, os países que se situam abaixo do deserto do Saara, uma das regiões mais pobres do planeta.

No Brasil, 53 milhões de pessoas estão abaixo da linha da pobreza, ou seja, 34% da população. Atualmente, os 10% mais pobres detêm 0,9% da renda nacional, enquanto os 10% mais ricos acumulam 47,2%.³

Assimetria social brasileira



¹ Unicef, 2003.

² Pesquisa Global Invest, 2003.

³ Banco Mundial, 2003.

Nos países de renda per capita semelhante à do Brasil (4.500 dólares), a porcentagem de pobres é de cerca de 10% da população total, menos de um terço da porcentagem brasileira.⁴ Esse enorme contingente de pobres em um país rico é o reflexo mais perverso

da concentração da propriedade e da renda no Brasil.

Dentro desse cenário, o binômio emprego e trabalho tem peso significativo na qualidade de vida do homem.



A dignidade humana depende, diretamente, do acesso ao trabalho. No entanto, o mundo vive uma grave crise de empregos. No Brasil menos de 50% da população economicamente ativa tem emprego com carteira assinada. Existem 12 milhões de desempregados⁵. Convivemos com as chagas do trabalho escravo degradante e do trabalho infantil.



Biodiversidade: Variedade de tipos vivos;

Ética planetária: Princípios e reflexões críticas acerca da moralidade nas ações que envolvem todos os seres do planeta.

As drásticas alterações que o homem provocou no meio ambiente dizimaram milhares de espécies e estão a comprometer o próprio futuro da humanidade. O Brasil é o país de maior **biodiversidade** do planeta e abriga 20% das espécies animais e vegetais. Atualmente, 219 espécies animais e 106 espécies vegetais que vivem no Brasil estão ameaçadas de extinção.⁶

Uma sociedade global que silenciosamente convive com a morte de inocentes, a crescente concentração de renda, o

desemprego e o desprezo pelo meio ambiente é uma sociedade doente. Vive uma profunda crise ética.

No entanto, devemos sempre acreditar na imensa capacidade da espécie humana de reverter suas próprias mazelas. Uma das mais sublimes, profícuas e duradouras formas de modificar essa realidade é, sem dúvida, a educação. Uma educação capaz de contribuir para a formação de uma nova **ética planetária**, em que o humano e tudo o que é vivo se sobreponha à exploração irracional do capital.



Educar significa formar para a autonomia, isto é, para autogovernar-se⁷. Um processo educacional somente será verdadeiramente autônomo e libertador se for capaz de formar cidadãos críticos, dotados das condições que lhes permitam entender os contextos históricos, sociais e econômicos em que estão inseridos.

4 FURTADO, 2002. p. 11

5 IBGE.

6 Fundação Victor Civita.

7 Gadotti.

Nossos tempos requerem a formação desse novo cidadão, consciente, sensível e responsável, que pense global e aja localmente, sendo capaz de intervir e modificar a realidade social excludente a partir de sua comunidade, tornando-se, assim, sujeito da sua própria história.



Nesse contexto, é imprescindível que o cidadão compreenda o papel do Estado, seu financiamento e sua função social, o que lhe proporcionará o domínio dos instrumentos de participação popular e o controle do gasto público. A visão do cidadão como agente transformador da realidade social pressupõe o domínio dos conceitos de **Educação Fiscal**.

Segundo Pedro Demo, "*participação é conquista social*". A **Educação Fiscal** é uma ponte que nos liga a essa fonte de saber, uma porta que se abre para a construção de um verdadeiro processo de participação popular.

Por isso, ao longo deste curso conversaremos sobre a **educação para a cidadania**, respeitando as multiplicidades culturais e étnicas, refletindo sobre as possibilidades de vivenciar o ser humano de forma integral (não-fragmentada, não-compartimentalizada), inserido em um contexto histórico.



Examinaremos o **papel econômico e social do sistema tributário e dos orçamentos**, com o objetivo de demonstrar que todos pagamos tributo e, em contrapartida, todos temos o direito de participar do processo decisório de alocação do recurso público.

No Brasil, a participação popular no processo orçamentário revela uma alternativa de democracia participativa.

Dentro dessa ótica, muito tem sido feito com base na Constituição de 1988, que tem como fundamento a construção de uma sociedade livre, justa e solidária; o combate à pobreza e à exclusão social.



Portanto, é indispensável que tenhamos:

- a) educação de qualidade acessível a todos;
- b) um sistema tributário que seja instrumento de distribuição de renda;

isto é, capaz de tributar segundo a capacidade econômica de cada cidadão.



Quem tem mais renda, maior patrimônio ou consome produtos de luxo/supérfluos deve pagar mais tributos.

- c) um processo orçamentário que garanta a efetiva participação popular.

Portanto, é necessário **democratizar as informações sobre finanças públicas**, propiciando o acompanhamento e o controle do gasto público.



Dessa forma, assegura-se que **os tributos arrecadados sejam efetivamente aplicados conforme a vontade popular**, beneficiando principalmente a parcela da população abaixo da linha de pobreza.



No momento em que o indivíduo passa a perceber a dinâmica e a importância desses processos para sua vida, opera-se uma mudança de paradigma. Amplia-se a consciência de que **o tributo é a contribuição de todos para construirmos uma sociedade mais justa**, o que só será possível com o controle popular do gasto público. Essa consciência determina a mudança de comportamento em relação a sonegar e malversar recursos públicos, atos que passam a ser repudiados como crimes sociais, capazes de retirar dos cidadãos que

mais dependem do Estado as condições mínimas para que tenham dignidade e esperança de construir seu futuro com autonomia e liberdade.

Assim, o **Programa Nacional de Educação Fiscal - PNEF** é construído pelas mãos de cada um, a partir de sua visão de mundo e da participação consciente no contexto das relações humanas, sociais e econômicas, em que cada um é sujeito da sua história e da história de todos.



A construção de uma nação livre, justa e solidária depende da participação consciente de todos.



2.2 Urgência de um éthos mundial:

o éthos mundial de que precisamos

Três problemas suscitam a urgência de uma ética mundial: **a crise social, a crise do sistema de trabalho e a crise ecológica**, todas de dimensões planetárias.

Aduzir: apresentar;

Robotização: emprego de robôs na produção industrial;

Status: (palavra latina), posição social: lugar ocupado por um sujeito na sociedade; prestígio.



2.2.1 Problemas globais, soluções globais

Em primeiro lugar, a **crise social**. Os indicadores são notórios e não precisamos **aduzi-los**. A mudança da natureza da operação tecnológica, mediante a **robotização** e a informatização, propiciou uma produção fantástica de riqueza. Ela vem apropriada, de forma altamente desigual, por grandes corporações transnacionais e mundiais que aprofundam ainda mais o fosso existente entre ricos e pobres. Essa acumulação é injusta, porque pessimamente distribuída. Os níveis de solidariedade entre os humanos decaíram aos tempos da barbárie mais cruel.

Tal fato suscita um fantasma aterrador: uma bifurcação possível dentro da espécie humana. Por um lado, estrutura-se um tipo de humanidade opulenta, situa-



da nos países centrais, que controla os processos técnico-científicos, econômicos e políticos e é o oásis dos países periféricos onde vivem as classes aquinhoadas. Todos esses se beneficiam dos avanços técnico-científicos, da biogenética e da manipulação dos recursos naturais e vivem em seus refúgios por cerca de 120/130 anos, tempo biológico de nossas células. Por outro, a velha humanidade, vivendo sob a pressão de manter um **status** de consumo razoável ou simplesmente na pobreza, na marginalização e na exclusão. Estes, os deserdados e destituídos, vivem como sempre viveu a humanidade e alcançam no máximo a média de 60-70 anos de expectativa de vida.



Em segundo lugar, **a crise do sistema de trabalho**: as novas formas de produção cada vez mais automatizadas dispensam o trabalho humano; em seu lugar, entra a máquina inteligente. Com isso, destroem-se postos de trabalho e tornam-se os trabalhadores descartáveis, criando um imenso exército de excluídos em todas as sociedades mundiais.

Tal mudança na própria natureza do processo tecnológico demanda um novo padrão **civilizatório**. Haverá desenvolvimento sem trabalho. A grande questão não será o trabalho — este, no futuro, poderá ser o luxo de alguns —, mas o ócio. Como passar de uma sociedade de pleno emprego

para uma sociedade de plena atividade que garanta a subsistência individual? Como fazer com que o ócio seja criativo, realizador das virtualidades humanas? Libertado do regime assalariado a que foi submetido pela sociedade produtivista moderna, especialmente capitalista, o trabalho voltará à sua natureza original: a atividade criadora do ser humano, a ação **plasmadora** do real, o **demiurgo** que transporá os sonhos e as virtualidades presentes nos seres humanos em práticas surpreendentes e em obras expressivas do que seja e do que pode ser a criatividade humana. Estamos preparados para esse salto de qualidade rumo à plena expressão humana?



Civilizatório: determinante de civilização;
Plasmadora: modeladora;
Demiurgo: segundo Platão, é o artesão divino ou o princípio organizador do universo.

Em terceiro lugar, emerge a **crise ecológica**. Os cenários também são de amplo conhecimento, divulgados não apenas por reconhecidos institutos de pesquisa que se preocupam com o estado global da Terra, mas também pela própria Cruz Vermelha Internacional e por vários organismos da ONU. Nas últimas décadas, temos construído o princípio da autodestruição.



A atividade humana irresponsável em face da máquina de morte que criou pode produzir danos irreparáveis à biosfera e destruir as condições de vida dos seres humanos na Terra. Numa palavra, vivemos sob uma grave ameaça de desequilíbrio ecológico, que poderá afetar a Terra como sistema integrador de sistemas. Ela é como um coração. Todos os demais organismos vitais serão lesados: os climas, as águas potáveis, a química dos solos, os microorganismos e as sociedades humanas.

A sustentabilidade do planeta, urdida em bilhões de anos de trabalho cósmico, poderá desfazer-se. A Terra buscará um novo equilíbrio que, seguramente, acarretará uma devastação fantástica de vidas. Tal princípio de autodestruição convoca urgentemente outro: o princípio de co-responsabilidade por nossa existência como espécie e como planeta. Se queremos continuar a aventura terrenal e cósmica, temos de tomar decisões coletivas que se ordenam à salvaguarda do criado e à manutenção das condições gerais que permitam a evolução seguir seu curso ainda aberto.



Axial: essencial, fundamental;
Alteridade: natureza ou condição do que é distinto;
Biótica: que é própria da vida, das funções e das qualidades dos seres vivos.

2.2.2 A revolução possível em tempos de globalização

*A causa principal da crise social se prende à forma como as sociedades modernas se organizaram no acesso, na produção e na distribuição dos bens da natureza e da cultura. Essa forma é profundamente desigual, porque privilegia as minorias que detêm o ter, o poder e o saber, sobre as grandes maiorias que vivem do trabalho. Em nome de tais títulos se apropriam de maneira privada dos bens produzidos pelo empenho de todos. Os laços de solidariedade e de cooperação não são **axiais**, mas o são o desempenho individual e a competitividade, criadores permanentes de apartação social com milhões e milhões de marginalizados, de excluídos e de vítimas.*



*A raiz do alarme ecológico reside no tipo de relação que os humanos, nos últimos séculos, entretiveram com a Terra e seus recursos: uma relação de domínio, de não-reconhecimento de sua alteridade e de falta de cuidado necessário e do respeito imprescindível que toda **alteridade** exige. O projeto da tecnociência, com as características que possui hoje, só foi possível porque, subjacente, havia a vontade de poder e de estar sobre a natureza e não junto dela, porque se destruiu a consciência de uma grande comunidade **biótica**, terrenal e cósmica, na qual se encontra inserido o ser humano, juntamente com os demais seres.*

Essa constatação não representa uma atitude obscurantista em face do saber científico-técnico, mas uma crítica ao tipo de saber científico-técnico e à forma como ele foi apropriado dentro de um projeto de *dominium mundi*. Este implica a destruição da aliança de convivência harmônica entre os seres humanos e a natureza, em favor de interesses apenas utilitaristas e parca-mente solidários. Não se teve em conta a subjetividade, a autonomia e a alteridade dos seres e da própria natureza.



Importa, entretanto, reconhecer que o projeto da *tecnociência* trouxe incontáveis comodidades para a existência humana. Levou-nos para o espaço exterior, criando a chance de sobrevivência da espécie *Homo sapiens/demens* em caso de eventual catástrofe antropológica. Universalizou formas de melhoria de vida (na saúde, na habitação, no transporte, na comunicação, etc.), como jamais antes na história humana. Desempenhou, portanto, uma função libertadora inestimável. Hoje, entretanto, a continuação desse tipo de apropriação utilitarista e anti-ecológica poderá alcançar limites intrans-

poníveis e daí desastrosos. Atualmente, para conservar o patrimônio natural e cultural acumulados, devemos mudar. Se não mudarmos de paradigma civilizatório, se não reinventarmos relações mais benevolentes e *sinérgicas* com a natureza e de maior colaboração entre os vários povos, culturas e religiões, dificilmente conservaremos a *sustentabilidade* necessária para realizar os projetos humanos, abertos para o futuro e para o infinito.

Para resolver esses três problemas globais, dever-se-ia, na verdade, fazer uma revolução também global. Entretanto, assim nos parece, o tempo das revoluções clássicas, havidas e conhecidas, pertence a outro tipo de história, caracterizada pelas culturas regionais e pelos *estados-nações*. Para tal revolução global, far-se-ia necessária uma ideologia revolucionária global, com seus portadores sociais globais que tivessem tal articulação, coesão e tanto poder que fossem capazes de se impor a todos. Ora, tal situação não é dada nem possivelmente dar-se-á aproximadamente. E os problemas gritam por um encaminhamento, pois sem ele poderemos ir de encontro ao pior.



Dominium mundi: domínio do mundo;
Tecnociência: conhecimentos específicos tratados com organização específica e com profundidade quanto aos procedimentos, instrumentos e objetos do saber;
Homo sapiens: nome científico da espécie humana, como a conhecemos hoje;
Sinérgicas: que coopera, cooperativo;
Sustentabilidade: Possibilidade de amparo, apoio, proteção, fortificação;
Estados-nações: Divisão política, administrativa e territorial entre países.

A saída que muitos analistas propõem e que nós assumimos - é a razão de nosso texto, é encontrar uma nova base de mudança necessária. Essa base deveria apoiar-se em algo que fosse realmente comum e global, de fácil compreensão e realmente viável. Partimos da hipótese de que essa base deve ser ética, de uma ética mínima, a partir da qual se abririam possibilidades de solução e de salvação da Terra, da humanidade e dos desempregados estruturais.

Nessa linha dever-se-á, pois, fazer um pacto ético, fundado não tanto na razão ilustrada, mas no *páthos*, vale dizer, na sensibilidade humanitária e inteligência emocional expressas pelo cuidado, pela responsabilidade social e ecológica, pela solidariedade *generacionista* e pela compaixão, atitudes estas capazes de comover as pessoas e movê-las para uma nova prática histórico-social libertadora. Urge uma revolução ética mundial.

Tal revolução ética deve ser concreti-

zada dentro da nova situação em que se encontram a Terra e a humanidade: o processo de globalização que configura um novo patamar de realização da história e do próprio planeta. Nesse quadro, deve emergir a nova sensibilidade e o novo *éthos*, uma revolução possível nos tempos da globalização.

Por *éthos*, entendemos o conjunto das inspirações, dos valores e dos princípios que orientarão as relações humanas para com a natureza, para com a sociedade, para com as alteridades, para consigo mesmo e para com o sentido transcendente da existência:

Deus. Como veremos ao longo de nossas reflexões, esse *éthos* não nasce límpido da vontade, como Atena nasceu toda armada da cabeça de Júpiter. Mas toda ética nasce de uma nova ótica. E toda nova ótica irrompe a partir de um mergulho profundo na experiência do Ser, de uma nova percepção do todo ligado, religado em suas partes e conectado com a Fonte originária donde *promanam* todos os entes.⁹

Phátos: sentimento de compaixão ou empatia criados no texto;
Promanam: brotar, provir, dimanar;
Generacionista: relativo a generacionismo, espiritualista.

